

A TRANSFORMAÇÃO DE UM JACARÉ: LITERATURA, ARQUIVO, MEMÓRIA E CULTURA DE CONSUMO

Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade¹

Período de recebimento dos textos: 15/01/2015 a 01/05/2015.

Data de aceite: 29/05/2015.

Resumo: O presente trabalho analisa e interpreta o romance *Mastigando Humanos* de Santiago Nazarian (2006), buscando pensar como a literatura pode ser lida como uma forma de arquivo que rompe com as lógicas de seleção e poder. Para isso, utiliza-se dos conceitos de arquivo, memória, suporte e herança de Jacques Derrida, no intuito de pensar como o romance e seu protagonista, Victório, questionam e fissuram os processos de descarte e de arquivamento da cultura contemporânea de consumo. Ao mesmo tempo, discute-se, através do texto literário, a produção do sujeito como arquivo e memória da cultura, que traz em si a potência de desorganizar o urbano, a iconografia da indústria cultural, a mídia e o próprio espaço da literatura, apropriando-se destes e transformando-os no aparato discursivo.

Palavras-chave: Santiago Nazarian; *mastigando humanos*; teoria da literatura; mal de arquivo; cultura de consumo.

Abstract: This paper analyzes and interprets the Santiago Nazarian (2006) novel, *Mastigando Humanos*, trying to think how literature can be read as a form archive that breaks with the logic of selection and power. For this, it uses the Jacques Derrida concepts of memory, support and heritage, in order to think how the novel and its protagonist, Victório, question and fissuring the disposal process and archiving of contemporary consumer culture. At the same time, it is argued, through the literary text, the production of the subject as cultural file and memory, which brings with it the power to disrupt the urban, the iconography of the cultural industry, the media and the literature of the space itself, appropriating these and turning them in the discursive apparatus.

Keywords: Santiago Nazarian; *mastigando humanos*; literature theory; archive fever; consumer culture.

¹ Mestre e Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

O mundo globalizado é permeado por uma série de formas de arquivos. Há os arquivos mais consagrados, como os museus, bibliotecas, grandes coleções (de livros, cartões, carros, roupas e todo o tipo de objeto de consumo), etc. Existe também o arquivo relacionado às novas mídias ou a nuvem da internet. São diversos sites, programas de compartilhamento, espaços de download que montam uma rede plural de objetos a serem escolhidos e selecionados nos arquivos pessoais de seus usuários. Além desses, é possível pensar também na relação entre arquivo e memória, em que o arquivo, muitas vezes busca evitar o apagamento e subjetivações da memória (mesmo sendo uma seleção, que levará a outros apagamentos). E contemporaneamente, observa-se o movimento de resgate da memória como produto (mas voltaremos a essa questão mais tarde).

A memória é algo construído culturalmente e está ligado, intrinsecamente, a subjetividade do indivíduo. Essa memória pode ser acionada por questões culturais e políticas, como também afetivas (que não deixam de ser culturais e políticas). O resgate desta acontece através de diversos suportes, tais como: fotos, vídeos, cartas, cheiros, etc. Essa é uma forma de relacionar o arquivo com a memória – pensando o arquivo como um aglomerado de suportes que preserva, seleciona e remonta a memória. No entanto, será possível pensar no próprio sujeito como suporte? Será possível pensar em um indivíduo que teve a própria memória criada pelo arquivo, e não o contrário?

Essas perguntas pretendem ser respondidas com a análise do livro *Mastigando Humanos – um romance psicodélico* de Santiago Nazarian (2006), focando, principalmente, em seu protagonista. A narrativa contemporânea brinca com a lenda urbana de Jacarés que moram no esgoto e narra de forma *trashed* sarcástica a história de um desses reptéis, Victorio, que sai do seu habitat natural e navega até o esgoto de uma grande metrópole. Ao passar a viver nesse

ambiente em que todos os restos e tóxicos da vida capitalista vão parar, o Jacaré transforma-se de animal comum para uma mutação de animal e homem capaz de raciocinar, conversar, e acima de tudo, escrever.

Victorio começa apenas comendo os tóxicos e os dejetos do esgoto de uma grande metrópole: *fastfood*, produtos de limpeza, salgadinhos, refrigerantes, todo o lixo e resto da vida humana que escorrem nas águas subterrâneas da cidade. No entanto, após uma série de acontecimentos, os ratos colocam pedágios nos escoamentos e passagens do esgoto, cobrando tarifas, controlando a chegada dos objetos e das pessoas. Em consequência disso, a forma de vida no esgoto transforma-se em uma alegoria da forma de vida da cidade da superfície. Pressionado pelas amarras do sistema e da vida de consumo exacerbada no subterrâneo, Victorio rompe com tudo, engole Patriarca, o líder dos ratos, e logo em seguida deixa de apenas comer os produtos culturais da cultura de consumo humana e passa a devorar humanos, sendo o seu primeiro uma travesti chamada de Ana Rosa.

Ao mastigar, deglutir e triturar os humanos, Victorio está ingerindo e triturando os signos de sua cultura. E como protagonista afirmou, “se eu não houvesse passado pelo que passei, não haveria graça em contar a minha história”. A narrativa de *Mastigando Humanos* só existe porque ao mesmo tempo em que come a carne humana, alegoricamente, consome a cultura humana, junta suas referências e transforma isso na estética da linguagem que é o seu discurso, como narrador da história, e em seu próprio corpo. A rebeldia e poder de ruptura estão no âmbito da linguagem, afinal, suas memórias só podem ser narradas porque foram criadas através do arquivamento de objetos que a fundaram – objetos da cultura de consumo –, os quais provocaram a transformação do suporte: o corpo e mente do protagonista. Seu corpo é o

arquivo dos restos da cultura de consumo, que transformaram o jacaré em um triturador de humanos consciente.

Para pensar o corpo do protagonista como um arquivo, e este arquivo como suporte, é preciso relacioná-lo, primeiramente, ao conceito “mais comum” de arquivo, para depois aprofundá-lo nas relações com a memória, a psicanálise, a herança e o suporte trazido por Jacques Derrida (2001) em *Mal de Arquivo – Uma impressão Freudiana*. No entanto, antes de entrar nas questões propostas por Derrida, utilizaremos de uma leitura posterior do autor feita por Raul Antelo (2011) em *O tempo do arquivo não é o tempo da história*.

Antelo traz uma definição tradicional de arquivo, vincula ao colecionismo: “o processo de preservar imagens de valor sagrado para uma cultura” (ANTELO, 2011, p.155). Essa definição não caberia para análise do jacaré de *Mastigando Humanos*, pois a sua coleção e seu arquivo são resultados da deglutição dos restos, excessos, lixos e dejetos da cultura, sem qualquer valor sagrado, ingeridos no local onde está tudo que não é mais necessário para a vida humana. Então, para pensar Victorio como arquivo, é preciso uma nova visão sobre as relações que o permeiam, e Antelo traz logo em seguida:

Um texto achado num arquivo sempre postula um para além da significação, porque toda a frase lida é, literalmente, uma transposição, uma tradução, o vestígio de um corpo ausente *que esteve ali*. [...] A técnica implica, ao mesmo tempo, a presença de uma tela que sirva de suporte para a *inscrição* (o documento, o recorte de jornal), assim como a *projeção* (no caso da imagem, operada, graças ao *punctun*, pelo desligamento anamnésico), uma *projeção originada* (a memória como técnica, mas também como matéria e, ainda, como foco de uma operação de atribuição de sentido), *projeção* de uma matéria (a linguagem), que, simultaneamente, inscreve, fixa e oblitera um sentido. (ANTELO, 2011, p.157).

Antelo, relendo Derrida, já aposta na ideia do arquivo como um *entre-lugar*, um corpo ausente que pode transformar-se e transmutar-se em novos significados, como acontece com Victorio. O seu corpo é a linguagem que

permeia a linguagem ficcional do romance. E isso só pode acontecer porque o suporte mudou e, simultaneamente, criou outro arquivo, o literário, que é o romance *Mastigando Humanos*. A construção deste arquivo transforma o suporte para que os objetos sejam inscritos, da mesma forma a cultura transforma o corpo de Victoria e se inscreve em sua mente. A inscrição dos elementos do consumo no Jacaré, os quais transformaram seu corpo em arquivo, permite-o contar sua história, transformando assim sua memória em linguagem. O protagonista revela isso no seguinte trecho do romance:

Eu fiz uma longa viagem para chegar até aqui. Não nasci em berço de ouro, para depois ser jogado na provada. Nem fui criado às margens desta poluída cidade. [...] O gosto dos subterrâneos foi o que me tornou incapaz de sentir qualquer outra coisa. Vocês sabem, quando se está mergulhado em excessos, não se pode estimular papilas individualmente. É como tentar pedir para tirar cebolas de um hambúrguer de *fast-food*, ou reconhecer cada fruta que forma o sabor genérico de *tutti-frutti*. Todos esses tóxicos que saem pelos canos, toda essa comida industrializada tiveram um efeito ainda maior na minha cabeça do que no meu paladar – e hoje sinto que tenho várias faculdades mentais prejudicadas. Mas, provavelmente, muitas outras evoluídas. Afinal, se eu não houvesse passado pelo que passei, não haveria graça em contar a minha história. (NAZARIAN, 2006, p.9-10).

A transformação provocada pelos gostos do subterrâneo nas faculdades mentais do protagonista, evoluindo alguma em detrimento de outras, é justamente a mudança do seu corpo para se tornar um arquivo. O que possibilitou inscrever nesse suporte à memória da sua vida na cultura de consumo e assim, esta ser narrada. No entanto, a ideia de arquivo como suporte, relacionando-se a memória e os processos de seleção, só poderão ser analisados de fato, a partir do pensamento de Jacques Derrida. E, a partir deste, pensar nas relações entre cultura da memória e indústria cultural. O autor, em *Mal de Arquivo*, inicia o seu texto falando como a memória está no centro das discussões culturais, aparecendo como um sintoma do querer retomar a história,

e ressaltando um *boom* de uma era da memória, tanto individual quanto coletiva.

Por se viver na era da memória, vive-se o arquivo. No entanto, o autor aponta que não há uma definição satisfatória de arquivo e por isso, tentará significá-lo e relacioná-lo ao universo que o circunda. Primeiramente, Derrida faz uma diferenciação entre memória e arquivo que muito interessa ao presente ensaio. A memória constitui-se em um indivíduo, em um elemento social. Já o arquivo surge quando a memória falha e é exterior a ela. A memória é feita de registros e de apagamentos marcados por questões subjetivas e coletivas. O arquivo acontece para evitar que a memória seja levada ao apagamento.

O autor ressalta que arquivo é um conceito ambíguo e seria preciso vê-lo em uma perspectiva histórica e contextual. Para isso, retoma a etimologia da palavra, *arhké*, que significa comando, poder, controle e que também está relacionada à ideia de origem. O arquivo estaria relacionado à tentativa de preservar as origens e o ordenamento. É uma seleção do que deve ser preservado, uma espécie de índice do poder, em que, existem sujeitos e instituições que delimitam o arquivo à um lugar, à valores e à verdades a partir de uma escolha subjetiva da interpretação dos objetos pertencentes aquele arquivo. O que Derrida afirma é um princípio de *consignação* de categorias e de sistemas, construídos e reproduzidos enquanto lógica, sem nunca ser natural, mas criando um modelo, uma configuração ideal.

Mas o que acontece se o arquivo existe antes da memória? Se não é necessário evitar o apagamento porque não há memória? Em *Mastigando Humanos*, o protagonista não possui a faculdade mental da subjetivação consciente e da memória, ele é um animal “irracional”, mas o seu corpo absorve uma série de objetos, alimentos, informações. Só após triturar esses elementos e arquivá-los, sua memória é constituída. E como esses objetos são

os lixos e restos da humanidade, os descartáveis, a narrativa também rompe com a visão tradicional da ideia do *arhké*, já que a montagem do arquivo é caótica, utilizando o descartável e os restos da cultura de consumo. No entanto, destaca-se que só há algo descartável porque houve uma seleção prévia, baseada na negação, que também diz sobre a lógica de outro arquivo, o não-descartado.

O corpo do jacaré perpassa pelas estruturas de poder na formação do arquivo. Ele é uma alegoria do um modelo da cultura contemporânea – vive imerso no caótico dos produtos de consumo, nas relações efêmeras, na competição do mercado, na apropriação de marcas e ícones -, mas, ao mesmo tempo, subverte tudo isso por fazer um arquivo com o descartável, transformando-se em uma figura híbrida que provoca estranhamento por compor a sua identidade, corpo e memória com o lixo. Quando essas fissuras das estruturas do mundo de consumo modificam o corpo de Victorio, este se configura como ser pensante e passa a selecionar, escolher e montar o seu próprio arquivo através da literatura.

A literatura, o produto *Mastigando Humanos*, é um outro arquivo (o não excluído) que registrará a sua memória e tensionará o posicionamento de poder do escritor como dominante deste produto da memória (o livro), como o próprio Derrida afirma: “*Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior*” (DERRIDA, 1995, p.22). Assim, Victorio é um arquivo, mas um arquivo que descontrói, pois ele consigna os restos dos objetos de consumo, reproduz o seu arquivo em suas memórias e escreve-as, construindo-se através de objetos descartados de uma seleção exterior, produzindo um novo arquivo, o romance.

Essas reflexões sobre o arquivo como o corpo do jacaré, relacionado com os restos da vida de consumo e com a produção de uma narrativa literária se aprofundam e dialogam com outras questões abordadas em *Mal de Arquivo*, principalmente as ideias de herança e suporte. Para falar desses conceitos é preciso trazer o pensamento principal do livro sobre Sigmund Freud e a psicanálise. Derrida afirma a psicanálise como a ciência do arquivo, pois entende o indivíduo como um, procurando interpretar e observar as marcas, as lembranças, os traços e os afetos que estão expostas no consciente, e mais ainda, as arquivadas no inconsciente, recalcadas pelo sujeito.

Esses traços não funcionam pelo princípio da consignação, já que o sujeito não controla as marcas da vida e da história registradas no seu inconsciente. É um *mal de arquivo* porque tensiona contra a tendência da consignação e da capitalização da memória, do desejo de arquivar. Dentro desse pensamento, o autor traça três impressões freudianas, entre essas, podemos tirar a discussão acerca do suporte e da herança.

O autor discute a ideia de suporte como uma técnica de reprodução, pois todo arquivo precisa de uma linguagem e um meio para existir. Esse meio muda através do tempo, mudando também o que pode ser considerável arquivável ou não. Assim afirma:

É outra maneira de dizer que o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aqui aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quando registra o evento. (DERRIDA, 1995, p.29).

Essa ideia do arquivo como suporte permite pensar na expansão desse campo do arquivável e na transformação das formas de arquivo. Afinal, no

senso comum, os documentos da memória cultural e da memória subjetiva estão sempre relacionados ao suporte museu ou bibliotecas, mas pensar o arquivo como linguagem permite expandir o seu campo, relacionando-os as novas mídias, a internet, aos recursos de áudio, vídeo, etc. Também permite pensá-lo como a linguagem que organiza o pensamento humano e registra a sua memória, a linguagem que Freud se apropria para refletir as simbologias e traços do consciente e do inconsciente, que permitem pensar o sujeito humano e a arte da linguagem como um suporte ou o próprio arquivo.

Mastigando Humanos está intimamente ligado a essa ideia de pensar o sujeito como arquivo. O jacaré não seleciona o que entrará no seu arquivo, mas pega o não selecionado pela cultura urbana de consumo e com isso, desenvolve as suas memórias – os documentos dos seus arquivos. Todo o processo é inconsciente e aos poucos vai construindo a percepção das coisas ao redor, condicionadas pelos objetos consumidos. O corpo de Victorio é um novo tipo de suporte, é o homem sim, mas também é o animal. O seu suporte permite que novas linguagens e novos tipos de registros aconteçam, pois é um sujeito diferente, possibilitando a narração dessa história excepcional. A história só existe porque há um novo suporte que demandará novos conteúdos arquiváveis, modificando até a forma de sistematização, socialização e percepção desse conteúdo, dessa memória.

Dialogando com as ideias de Derrida e com a leitura do Romance, Upiano Menezes (2007) em seu texto *Os paradoxos da memória*, relaciona a ideia de linguagem com memória, afirmando que está só pode ser dialogada com o outro porque se transforma em linguagem. O trecho afirma:

A memória, entretanto, que permite a recuperação da experiência, é que vai possibilitar que as respostas satisfatórias possam ser utilizadas em todas as situações similares. Mas ainda alguma outra coisa está faltando, pois mesmo que estas experiências pudessem ser recuperadas e definir padrões [...], elas permaneceriam individuais. Essa outra coisa que está faltando, que se associa à memória, é a linguagem. É a linguagem que permite que a memória seja um veículo de socialização das experiências individuais. (MENESES, 2007, p.16).

A forma de veicular essas experiências individuais para o outro é através da linguagem literária, do suporte romance/livro como objeto físico ou como objeto ficcional dentro da própria narrativa. Por isso, é preciso ainda deixar claro que existem dois arquivos e suportes em *Mastigando Humanos*. O primeiro é o corpo do Jacaré, o qual absorve todos os elementos, culturas e dejetos humanos, que o transformam e lhe dão arcabouço para construir a sua consciência. O segundo é a narrativa que Victorio escreve com suas memórias, consequência do primeiro arquivo. Na construção do segundo, o protagonista já seleciona e reúne aquilo que deseja dessa cultura, pois já há consciência. E o primeiro arquivo, o corpo, em outro momento da narrativa, também passa a ser construído pela consciência (e pelo inconsciente também), pois é a partir da formação do corpo que a narrativa é contada. E, dentro desse conteúdo dos dois arquivos, há humanos mastigados e triturados junto com suas drogas, *fast-foods*, camisetas dos *Ramones*, sapato de couro de crocodils, *pecan-pies* e qualquer outra referência de uma vida cosmopolita.

O próprio Victório revela a sua consciência sobre o seu arquivo narrado e o seu desejo de construí-lo quando diz: “É o preço que a gente paga, não é? Para ficar na história, ficar numa história, contar uma história e ter do que se orgulhar” (NAZARIAN, 2006, p.11). E continua: “Como eu disse, o importante é ordena as sentenças, ter algo pra contar, mesmo que não seja verdade. Mesmo que não tenha acontecido, pois só é interessante agora, não quando tudo começou” (NAZARIAN, 2006, p.11-12). Neste momento do

texto, Victorio relaciona-se a ideia da *arhké*, que seleciona e escolhe como vai montá-lo, quais sentidos serão dados e quais significados serão produzidos, se apropriando do arquivo imposto ao seu corpo.

No entanto, ainda que assuma esse lugar de seleção e consignação na narração da sua história, estará produzindo uma diferença, um significado dissimilar, pois o seu discurso é crítico, irônico e audaz, produzindo um sentido novo sobre os objetos e os contextos que moldaram sua vida. Esses objetos fazem parte de um arquivo maior, ligado à diversos jogos de poder e interesses do consumo, do capitalismo e da indústria cultural. Victorio se apodera desse arquivo construído em seu próprio corpo para contar a sua história, mas, ao mesmo tempo em que os afirma, faz uma rasura nas alegorias da sua vida com o mal-estar (pensando no próprio Freud) de viver naquele ambiente, pois utiliza o esgoto, o lixo e o corpo transfigurado, considerados como restos, mas problematiza na linguagem literária que esses objetos são os símbolos da vida em uma grande metrópole, os quais impregnam e moldam os indivíduos.

Essa reafirmação de um arquivo como uma herança cultural (que pode ser familiar, nacional, histórica e no caso do romance, da cultura de consumo) também é discutida por Derrida em *Mal de Arquivo*. Pensando nas marcas hereditárias da cultura, da história no corpo do indivíduo, o autor reconhece-as como um suporte. A circuncisão, própria do contexto judaico, é o exemplo discutido pelo autor como uma dessas marcas/suportes deixados no sujeito, que arquiva todo um conteúdo hereditário daquele povo e de sua história. O autor então discute que essa herança é muitas vezes condicionada, mas o posicionamento do sujeito frente a essa herança nunca é passivo, e sim ativo e afirmativo. O arquivo/herança pensando dessa forma perpassa pelas instituições e pelo poder, mas as reproduções do sistema e de sua lógica podem ser interferidas, transformadas, rompidas ou reafirmadas.

O jacaré recebe essa herança da indústria cultural marcada em seu corpo, transformando-o. Entretanto, ele escolhe interferir e tensionar os jogos de poder que estão vinculados a essas marcas, buscando produzir uma diferença, o dissimilar, o caos ressoante como quando engole ratos e tritura humanos. Esse tensionamento acontece por um fator fundamental para a narrativa: o corpo e a memória de Victorio são construídos com os **restos** dos arquivos e memórias da indústria cultural e da vida de consumo contemporâneo.

Em *O que resta nos arquivos literários*, Reinaldo Marques (2011) discute a ideia de arquivo composto dos restos através de uma leitura sobre Giorgio Agamben. O autor diz:

Já na direção de Agamben, os restos dos arquivos de escritores remeteriam à relação entre o dentro e o fora do arquivo, entre o dizível e o indizível, apontando para o fora, o devir outro. Tais restos, menos que uma sobra a ser resgatada pela memória, apontam para um hiato, uma ruptura e descontinuidade na lógica e nos procedimentos do arquivo, pondo em xeque os seus saberes. Instauram uma anomia no arquivo, uma desordem. Estancam o fluxo dos procedimentos e técnicas classificatórios, dos inventários, problematizando as descrições, as designações. Constituem-se em potência crítica do arquivo, evidenciando a não coincidência entre os fatos literários, os documentos materiais do arquivo, e as interpretações que se fazem deles. (MARQUES, 2011, p.199).

Os restos revelam as fissuras do arquivo, seu modelo, problematiza suas escolhas, suas seleções e conseqüentemente, suas exclusões. Victorio ao criar um arquivo com os restos da indústria cultural tensiona os jogos de poder, mas também se mostra inserido e modelado por todo esse sistema. A sua ligação indissociável com a cultura de consumo, mostrada através de suas memórias, está produzindo um questionamento, já que está revelando a sistemática, a lógica e as instituições desse arquivo. E a forma como utiliza os restos e a memória através da arte e da literatura, que já possui em si uma carga

subversiva de se apropriar da cultura e das questões da vida para trazer um olhar diferenciado, rasurado.

O protagonista, após derrotar patriarca, e começar a triturar tudo que vinha pela frente pensa no ato de triturar relacionando-se a literatura, quando diz: “Não espero que todos vocês entendam. Afinal, só posso descrever experiências sinestésicas como essas com palavras. Sem o devido estímulo das papilas, uma refeição não passa de poesia – ou assassinato” (NAZARIAN, 2006, p.104). Victorio em sua refeição literal também produz poesia, literatura, e o assassinato de diversos humanos em troca da produção de uma narrativa e do reaproveitamento desses símbolos do consumo, dando-lhes um novo sentido, mostrando a volatilidade e o descartável desses produtos, como quando diz: “Perdi a conta de quantas camisas do Ramones tive que cuspir” (NAZARIAN, 2006, p.105). Victorio cospe e joga fora a camisa do Ramones para reciclá-la no trecho do seu romance.

Assim, uma das formas de subverter os arquivos utilizando dos seus restos que aparece em *Mastigando Humanos* se relaciona ao que Walter Moser denomina de *reciclagem cultural*. A reciclagem cultural nada mais é do que se apropriar dos objetos e elementos da cultura, da arte, da memória individual e coletiva, objetos, fatos, fotos, telas, desenhos já existentes para criação de novos objetos de arte, deslocando sentidos anteriores para produzir a diferença. Moser marca a estética da reciclagem cultural como algo do contemporâneo em que as fronteiras foram diluídas e há um excesso de tudo, além do acesso das novas mídias e suportes. Em seu artigo com Jean Klucinkas, os autores discutem a potência de produzir o novo e subverter os sentidos das artes que utilizam como princípio a reciclagem cultural, como afirma:

A estética explora e afirma o valor (sobretudo artístico) de uma obra, ao passo que a reciclagem não seria senão des-valor, situando-se num deserto de valor cultural e artístico, ou então, não possuiria, no máximo, senão um valor material, quer se trate de um valor bruto da matéria reciclada, ou da valorização econômica. Esse raciocínio parece-nos limitado, porque são justamente os procedimento que resumimos aqui como “reciclagem” que trazem um dos impulsos de maior transformação à cultura contemporânea. (KLUCINSKAS; MOSER, 2007, p.29).

A reciclagem cultural é a base da ruptura e da construção textual de *Mastigando Humanos*. O livro se apropria da imagem urbana, fragmentada e líquida em conjunto com os objetos icônicos de uma cultura de consumo de massa, como a ilustração, para desconstruir essa *mass média* em uma postura crítica, dessacralizando a arte e cultura com o seu *hipertexto* de referências, trazendo um ponto de vista novo sobre o consumo e sobre a escrita da literatura. O texto é constituído como sobreposição de citações, referências, imagens e paródias, como a dos filmes *trash* sobre crocodilos mutantes ou o próprio *Godzilla*, em uma estrutura fragmentada sobre os padrões e clichês do contemporâneo. Na escrita literária de Victorio, existe uma ritualização do ato de deglutição dos signos da cultura e demais artefatos culturais. Todo material vivível ou vivido, todo objeto construído ou dado torna-se passível de transformação no aparato discursivo, reciclando os sentidos.

A tessitura discursiva do romance se apropria e problematiza a cultura líquida do desperdício, dos restos, que adentram na pele do protagonista de uma forma irreversível. O personagem mutante é mais humano que o próprio humano que está inebriado por seus ícones, mitos e objetos. Victorio reflete e escreve sobre uma visão *outside* e *inside* deste mundo. A distância crítica com que o personagem vê os instrumentos de alienação, as estruturas alegóricas da sociedade e a indústria cultural, todos apresentados como falidos nos canos do resto da vida urbana que transformam os sujeitos em espécies de aberrações e, ao mesmo tempo, em sujeitos pensantes, em arquivos novos, em suportes

diferentes, que permitem a produção de uma literatura diferente, produzida pela memória de uma vivência singular.

E no final do romance, Victorio, ao estar inserido num mercado editorial, problematiza esse lugar da era da memória do contemporâneo, ao mesmo tempo em que revela as lógicas do arquivo da literatura. Uma aranha mutante de oito patas que digita com muita velocidade e produz best-sellers serializados, diz: “Literatura não é a solução. Você não vai ganhar dinheiro com isso. Ainda mais contanto suas memórias. Isso é apenas um diário” (NAZARIAN, 2006, p.216). Victorio responde como narrador, direcionando apenas ao seu leitor: “Sim, sim. E ele não acha um diário interessante?” (NAZARIAN, 2006, p.216).

Esse jogo irônico revela os jogos de interesse de um arquivo que envolve o mercado editorial e o cânone literário: a questão do best-seller, da boa e má literatura, do entre-lugar dos espaços biográficos, etc. O subversivo está em trazer em pensar a memória e a construção da subjetividade do sujeito com os restos dos arquivos, suportes e produtos da cultura contemporânea, que transformaram o *vintage*, o reviver e o revelar do passado em cinema hollywoodiano e produtos de nicho (HUYSSSEN, 2000). *Mastigando Humanos* também é um desses produtos, está no arquivo da cultura de consumo, faz parte de um nicho e da era da memória da indústria cultural, mas ao mesmo tempo tensiona os lugares de seleção e de poder da produção de um arquivo, tanto como literatura, tanto como o corpo.

Referências

ANTELO, Raúl. O tempo do arquivo não é o tempo da história. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p.155-175.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: impressões freudianas**. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes. In: **Seduzidos pela memória**. Tradução de Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-40.

KLUCINKAS, Jean; MOSER, Walter. **A estética à prova da reciclagem cultural**. Tradução de Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Scripta, 2007.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p.192-203.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória. In: **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2007. p. 13-33.

MOSER, Walter. Le recyclage culturel. In: MOSER, W. et al (Orgs). **Recyclages: économies de l'appropriation culturelle**. Montreal: Les Éditions Balzac, 1996, p.23-53.

NAZARIAN, Santiago. **Mastigando Humanos: um romance psicodélico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.